

## II - UMA EXPERIÊNCIA NO CAMPO

A princípio parecia loucura. Uma das crianças tinha 4 anos e, logicamente, não sabia ler nem escrever. Outros ainda, diabretes, mais pareciam querer escalar as carteiras, provável utilidade maior em suas cabecinhas sábias, que estarem a querer algum assunto com o lápis. Mas ainda havia poetisa, jornalistas mirins e quantas gente mais naquela sala de aula, que me fora entregue por motivo de força maior.

Como foi que entrei nessa história? Vamos ao início, então. A EMATER estava na comunidade da "Sextinha", Projeto de Assentamento da Reforma Agrária Tancredo Neves, próximo a Nova Colina, município de Ji-Paraná-Rondônia, ministrando cursos variados dentro de um projeto de capacitação massiva "Laboratório Organizado de Terreno", do mestre Clodomir Santos de Moraes.

O problema era que as professoras e mães queriam participar do evento, mas... e as crianças? Como não surgisse jeito para uma creche, nós da Emater, em contato com a coordenação do evento, toda composta por participantes dos cursos ofertados, propusemos um curso para crianças e jovens, de Literatura Infantil, durante a parte da tarde. Eles acharam a idéia ótima.

Discutindo com os jovens inscritos, decidimos que o nosso projeto de curso seria fazer o suplemento infantil do jornal "Voz da Amazônia", que estava surgindo do curso de Jornalismo Comunitário. E começamos nossas histórias...

A princípio, cada um contava a história que sabia. Outras vezes, traziam de casa alguma contada pelo pai, mãe ou avó. Nesta etapa, explorou-se mais a expressão oral. Quando viram que a mão já estava "coçando" para escrever, saíram passando tudo para o stêncil a álcool, para papéis que afixavam no Jornal Municipal. A coleção de tudo virava suplemento infantil do jornal citado. Surgiu até peça de teatro, "O Trenzinho Organizado", de produção coletiva.

Ler, também liam. Textos deles próprios e de outros autores de livros arranjados à última hora na cidade mais próxima. Variavam desde "O Menino do Dedo Verde", "Branca de Neve" até "Os Músicos de Bremen", que puxou "Os Saltimbancos" e, lá fui eu ensinar a cantar as músicas do Chico Buarque num velho Di Giorgio que sempre me acompanhava nos trabalhos de campo.

Como exemplo da produção do curso, escolhi a história da galinha para transcrever aqui, porque foi a primeira produção feita em grupo. Por isto, cada palavrinha lembra e diz muito a cada um que a escreveu. Não importava quem sabia mais, quem era o maior. O importante era viajar com a imaginação e produzir o texto.

## A HISTÓRIA DA GALINHA

Era uma vez uma galinha chamada Cocota. Ela nasceu no sítio do Coqueiral. A mãe dela era a Maricota e o pai o "seu" Burrinchó. Cocota tinha três irmãos: Didi, Lili e Chica.

Quando ela nasceu, D. Maricota bicou o ovo fazendo um buraquinho. A Cocota aproveitou o buraquinho, acabou de quebrar o ovo e saiu.

A Cocota, de pintinha virou franguinha. E uma franguinha muito danada. Foi aí que ela arrumou um namorado chamado Lulu, com quem casou depois. Ela teve muitos pintinhos deste casamento e foi muito feliz, pois todos gostavam dela. Mas acabou ficando velha e não botava mais ovo. Aí o dono dela falou que ia matá-la.

Quando ela ouviu isto, resolveu fugir para a cidade. Ela ia trabalhar de cantora. Para fugir fez um plano de se fantasiar de tatu e sair no mato passando por baixo da cerca. Um caçador que ia passando pensou que fosse um tatu, atirou nela, que morreu.

Esta foi a produção coletiva dos alunos: Alexandre, Malei, Marli, Marlene, Maria Aparecida, Marlene Pereira, Manoel, Edson, Elizabete, Lia, Débora, João, Jucélio, Cláudio, Cleuber, Vera Lúcia e Viviane. Um desafio vencido por todos nós. Coube depois, à professora local continuar as atividades, trabalhando os aspectos linguísticos das produções feitas.

Quem não sabia escrever, tinha seus textos copiados por quem sabia. Com isto, a vontade de fazer as pazes com o lápis e o papel, ou de começar uma nova amizade, ficou grande. As carteiras, com certeza, passaram a ter mais uma utilidade, dentro daquela cabecinhas sábias: era o lugar onde, afinal, eles podiam escrever o mundo.

**Jacinta Correia**